

A RESTAURAÇÃO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

SEMANARIO CATHÓLICO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador — Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesense
Rua de Payo Galvão

As doutrinas da Voz de Santo Antonio

MORAL

IV

DOCTRINAS COMMUNS NA EGREJA

A

Os peccados veniaes sam materia sufficiente para o sacramento da penitencia.

1. E' proposição de todos os theologos e moralistas, ao menos depois do Concilio de Trento e da condemnação da proposição 39 do synodo Pistoriense. (Cf. Denzinger, *Enchir.*, n. 1402.)

2. «A penitente bem confessado e disposto deve o confessor *ex justitia* dar a absolvição.»

S. Alfonso, VI, 492; D'Annibale, III, 328; Noldin, *De sacram.*, n. 406; etc.

Por tanto tambem á creança que confessa peccados só veniaes, se os confessa bem e tem dôr, deve *ex justitia* ser dada a absolvição.

3. Expressamente Buceroni (II, 676):

—«Se deve necessariamente ser absolvido quem não traz materia necessaria, mas livre e certa?—R. Affirmativamente, *per se*.

«Razão: porque por uma parte o penitente devidamente disposto, tendo feito a sua confissão, adquiriu direito a ser absolvido; por outra, o confessor nenhum di-

DOCTRINAS DA "VOZ,"

A

Exige falta grave nas creanças para poder administrar-se-lhes o sacramento.

«... Deve o sacerdote considerar como obrigação sua vigiar de perto a doença da criança e, vendo o perigo d'uma morte proxima, procurar introduzir-se prudentemente para sondar o estado da sua consciencia. Se se lhe deparar uma criança culpada, deve instrui-la, sendo necessario, no que é indispensavel para receber o sacramento. E, se a materia for certa, bem como as disposições, dar-lhe-á a absolvição *absolutamente*; sendo, porém, as faltas ou as disposições duvidosas, ainda assim se lhe deve dar a absolvição *sub condicione*. Só quando houvesse a certeza moral de que não havia culpa alguma grave, é que não poderia ser-lhe administrado o sacramento.»

Voz de S. Antonio, 1909, fevereiro, pags. 63 e 64.

B

Recommenda um livro de ideias avariadas.

«*Cournot et la renaissance du probabilisme au XIX siècle*—par F. Mentré—etc.

«... Este modo de encarar o calculo das probabilidades é aplicado nos subsequentes capitulos da obra do Sr. Mentré á ideia de acaso e de ordem, á psychologia, á biologia, á filosofia da historia, á filosofia religiosa e ás ideias moraes.

«D'esta ideia fundamental facilmente se deduz, que Cournot, consciente ou inconscientemente, adheriu á escola sensualista-positivista substituindo a ideia de substancia pela de fenomeno e a de acaso pela de lei.

«Tem pois o mesmo valor a escola em que está filiado.

«Depara-se-nos um outro inconveniente nas

reito tem de dar ou negar a absolvição a seu arbitrio, ou de defraudar o penitente dos dons espirituales de graça que resultam da absolvição.»

A doutrina é geral, e por isso applicavel ás creanças.

B

Livros de ideias avariadas não se recomendam.

Omissão grave

Nos programmas politicos ultimamente apresentados por varias facções explanam-se e promettem-se muitas reformas, mas não se diz uma palavra sequer ácerca da attitude que essas facções tomarão em face da Igreja cathólica. Esta omissão, percebe-se bem, é calculada; obedece ao intuito de agradar a conservadores e a jacobinos.

Se os conservadores notarem esta omissão, responderão os partidos visados que governarão, se um dia forem chamados ao poder, em conformidade com a carta constitucional que reconhece a religião cathólica como a religião do estado. Se forem os jacobinos que os accusarem de enfeudados á Igreja, defender-se-ham, que nos seus programmas não ha nada que denuncie tal enfeudação.

Os nossos partidos liberaes pretendem navegar entre duas aguas: não querem lisonjear os cathólicos nem desagradar aos jacobinos. Sabem, que voltando-se para uns, serão atacados pelos outros e vice-versa. Entendem que a politica pode muito bem viver desquitada da religião. Ora nós, os cathólicos sinceros, não podemos deixar de condemnar esse procedimento hypocrita e refochado que serve principalmente a dar ouzios aos inimigos da nossa fé.

E' verdade que a constituição reconhece a religião do estado, mas nós sabemos muito bem o respeito que os nossos politicos têm tido ás disposições constitucionaes. Essas disposições merecem-lhes

ideias de Cournot e é a admissão dum determinismo exagerado pelo qual são regidos todos os fenomenos ou acções, desprezando por este meio o influxo da liberdade sobre os actos humanos.

«N'este particular temos a lamentar o *exagero* (!!) sem por isso deixarmos de lhe reconhecer o merito nada vulgar do sistema das probabilidades.

«Agradecendo o exemplar que nos foi oferecido, temos a recomendar-o aos nossos leitores amantes d'estes estudos como obra de merito.»

C. do A.

todo o acatamento quando elles estão na opposição, mas já não succede assim quando têm nas mãos as redeas do governo.

A carta constitucional nunca foi integralmente observada até nalgumas das suas determinações mais essenciaes.

Diz ella que a lei será igual para todos; que os cargos civis politicos ou militares serão distribuidos sem outra differença que não seja a dos talentos e virtudes dos cidadãos nomiados para os servir. Ora todos nós sabemos que em Portugal, desde o estabelecimento da constituição, tem havido duas classes de cidadãos; os que apoiam o governo e os que lhe sam adversarios; e com rarissimas excepções tem succedido que só aquelles é que têm talentos e virtudes e que os outros sam considerados como uns párias.

Por isso, a circumstancia de a religião cathólica ser reconhecida pela constituição não é garantia sufficiente de que será respeitada pelos partidos liberaes, quando elles exercerem o poder. E a experiencia de largos annos atesta que os nossos governos nunca se prenderam com escrupulos de religião. Ai temos dezenas de decretos e leis para desilludir os que neste ponto se mostrem optimistas. Pelo que era necessario que os partidos liberaes, deixando-se de dissimulações, definissem nitida e precisamente o seu modo de ver em materia de religião.

Como sabiamente diz o famoso socialista Proudhon, no fundo das questões politicas encontra-se sempre uma questão de theologia. E hoje temos ai uma questão viva, can-

dente, actualissima, sobre que a politica forçosamente se ha de pronunciar: é a questão do ensino religioso nas escolas. Não ha escapar-lhe. Ella impõe-se a todos pela sua magnitude e importancia. A escola é hoje a arena do grande combate entre a politica conservadora e a politica atheia, nenhum partido politico pode ser estranho a este combate. Ora nós precisavamos de saber qual o criterio dos partidos liberaes a respeito desta momentosa questão.

O nosso país está soffrendo a influença das correntes laicizadoras que dominam no estrangeiro. Temos já entre nós muitos partidarios da escola neutra ou leiga. E' preciso por isso definir attitudes, delimitar campos, tomar posições. Quem é favoravel á escola leiga, deve-o manifestar para evitar equivoicações. E quem o não é, não basta que o declare; é necessario tambem que por todos os meios licitos combata os seus adversarios e os obrigue a recuar.

Neste ponto não pode haver contemporizações, nem transigencias, nem dissimulações. Se os partidos liberaes que ha pouco expenderam os seus programmas em assembleia dos seus correligionarios, sam contrarios á escola neutra, porque o não declaram francamente? Que inconveniente podia haver nessa declaração?

Desconfiemos desta omissão, que pode ser reveladora de maus intentos.

Para quem conhece as tendencias do liberalismo, ha motivos de sobra para estar de sobreaviso.

Affonso.

Longanimidade excessiva

A *Liberdade*, ha dias, concluía um artigo, em que pungia irónicamente a molleza dos cathólicos portuguezes, com estas palavras:

«Mas, para que citar outros factos, se um incidente agora occorrido dá bem a medida da nossa longanimidade? O governo acaba de publicar duas portarias, relativas á questão de Beja, em que põe termo a um conflicto que o jacobinismo desalmadamente explorára. Acolheu-as a nossa imprensa com uma silenciosa neutralidade, por julgar talvez que assim se liquidava, sem maiores embaraços, uma questão irritante; e, contudo, que celeuma, entre os cathólicos não teriam levantado, em qualquer outro paiz, semelhantes documentos!»

«Com effeito, as portarias estão em manifesta opposição com a doutrina catholica e sustentam principios condemnados. . . . Pois a imprensa catholica acolheu silenciosamente estas doutrinas e

continuou a discutir... a nomeação do sr. Baracho!

«Ora, em que paz haveria outro clericalismo tão docil, tão malleavel, tão inimigo de levantar questões religiosas que até chega a transigir em questões irreductiveis? Nós não o vemos; mas, se elle existe, pedimos que nol-o indiquem!»

Tem muita razão o nosso illustre collega. Somos tambem de opinião que a nossa imprensa catholica—que aliás tem prestado excellentes serviços—os prestaria muito melhores, se, em lugar de zelar tanto os ramos, tivesse mais cuidado com a raiz.

Nós pertencemos ao numero dos que ainda não disseram nada contra as portarias: não porque um só momento tenhamos deixado de orientar o nosso trabalho pelo principio de cuja falta o nosso collega justamente se queixa; mas porque outras questões de natureza semelhante e egualmente fundamentaes nos têm tomado o tempo e o espaço.

Quantas e quantas vezes, em artigos insulados e em longas campanhas, não temos nós combatido os principios de que as actuaes portarias sam legítimas consequencias! Mas nunca cessaremos de clamar:

Vejam os catholicos em que estado se encontra a Igreja em Portugal. Vejam a que se acham reduzidas as suas liberdades mais essenciaes. Vejam a que opprobriosa escravidão a têm reduzido esses partidos liberaes sustentados com os seus votos. E vejam se podem tranquillizar a consciencia com a desautocritica opinião dos perversos conselheiros que lhes apresentam como coisa innocente a cooperação em semelhantes males de nossa santa Mãe.

Dizem que entre nós não ha questão religiosa. E nós acrescentamos que, enquanto os catholicos não saírem da sua *longanimidade*, ou — melhor — da sua indifferença, nunca entre nós a haverá: nunca ha questão onde uma das partes deixa fazer impunemente a contrária quanto ella quer,

Estam verdes!...

Já se viu uma coisa assim?

Esta phrase desabafo-exclamativo, de que muito usa e abusa o sr. Alpoim nas suas cartas para o *Janeiro*, saiu-nos tambem dos labios, hontem, ao ver naquella jornal a indignação postuella de s. ex.^a que, sem melindre para o illustre chefe dissidente, nos fez rir a bom rir!

Segundo s. ex.^a diz, indignado até ao rubro, os jornaes catholicos, que sam levados da breca, insinuaram malevolamente que o illustissimo cabelilha dissidente iria para embaixador de Roma!

E exclama, apoplectico: *Já viram maior imbecilidade?*

Tem razão o illustre conselheiro. Seria, realmente, a maior das imbecilidades admittir a possibilidade de que qualquer governo monarchico pensasse sequer em mandar para o Vaticano o *clericophobo* senhor da Rêde!

Por todas as razões... e mais uma, que s. ex.^a aponta: — **ninguem se atreveria a fazer semelhante proposta ao chefe dissidente.**

Ninguém, certamente. Se alguém a tal se atrevesse veria explodir a indignação de s. ex.^a e desfazer-se em sorrisos de agradecimentos; vê-lo-ia, curvado não, que não lho permite a sua estructura physica... mas espapado respeitosaente ante a auctoridade do Papa e a respeitabilidade dos jesuitas!

O sr. conselheiro é um *ingenho* de primeira força! Pois se s. ex.^a até *previne* os leitores do «*Janeiro*» de que não acreditem em tal intriga clerical!

Segundo s. ex.^a diz, os clericos

e os lucianistas, aos quaes o sr. Alpoim faz sombra e não deixa pôr pé em ramo verde. desejariam ver o grande inimigo pelas costas... e daí a *insinuação*.

Ora elle se disse o sr. conselheiro! E' cedo ainda para a sua conversão...

O momento não deixava de ser azado para o terrivel *mata-frazes* fazer ablativo de viagem com uma posta choruda entre as maxillas e fazer de longe um gesto largo e expressivo ao grupelho jacobino-dissidente.

Pode ser que um dia apanhe, mas por enquanto, estam verdes!

Sua ex.^a, que se julga ainda o terror do clero, das congregações, dos jesuitas e até do paço, está quasi a entrar na situação desoladora daquelles espantalhos feitos duma lata velha cujo ruído espanta a passara nos primeiros tres dias, mas dos quaes, por inoffensivos, as avesitas perdem o medo, pousam-lhe em cima e...

Por isso redobra de ruído, indigna-se, para jacobino ver, rufa com força na lata velha de anticlerical e grita *urbi et orbi*—que não tenham o atrevimento de lhe offerecer a embaixada de Roma, porque senão... rrrrr!... Vai todo raso!

Estas bravatas vaidosas, que parecem infantilidades do sr. Alpoim, causam riso quando não enjoam.

Simplicio.

Carta do Porto

Os inimigos—os filhos das trevas sam mais previdentes do que os filhos da luz.

Sempre assim foi.

Registou o Jesus-Christo.

E agora, desoladamente, registamo-lo nós—os de boa vontade, na expectativa dolorosa do dia de amanhã.

A *Junta Liberal* portuguesa—que é um rotulo da Maçonaria—está exercendo uma acção intensissima de propagação diabolica.

Na *Junta Liberal* ha membros que sam deputados da nação e já têm, no proprio parlamento, advogado ideias radicalistas, no intento de deschristianização nacional.

Estam de commum accôrdo republicanos, dissidentes... e mais alguém.

E já os seus arautos da imprensa abertamente confessam o entendimento pactuado nas alfurjas da Maçonaria.

Elles trabalham afanosamente pela escola, pela tribuna, pela imprensa e... pela propaganda politica.

Isto vê-se a olho nú.

Só os que obstinadamente não querem vêr não sentem o vulto gigantesco da infrene demagogia.

Dentro em pouco, o Parlamento, em maioria, será dos nossos adversarios.

E que fazemos nós para contrariar a horrivel acção?

Reunimo-nos em congressos. Resolvemos fazer coisas. Ouvimos discursos. Batemos palmas. Damos vivas.

E ficamos sempre na região da chimera.

Quando vimos cá para fóra, para o ambiente social, o nosso enthusiasmo arrefece na atmosfera dos respeitos humanos, das vis transigencias, nas indecorosas conveniencias de momento, no egoismo rasteiro.

Andamos a notar aos outros as rivalidades dëlles.

Mas elles unem-se para nos esmagar. E neste intuito vêm-os sempre em harmonia perfeita e efficaç, ao passo que nós discutimos a conveniencia de aceitar ou não o repto dëlles em todos os campos.

E abstemo-nos de ir abertamente defrontá-los no campo onde mais perniciosos podem ser e os serám muito brevemente — ao campo politico.

Os seus jornaes já não fazem encapotada guerra á Igreja, com a mascara de guerra aos jesuitas. Já confessam que o Catholicismo é o Jesuitismo.

Para elles não ha instituição que seja respeitavel.

Nem a unidade e indissolubilidade da familia, nem a independencia da patria, nem a intangibilidade da Religião.

E os catholicos?

Os catholicos... façam exame de consciencia.

E' verdade que alguma coisa se tem feito. Mas tudo pouco vale. E o que vale deve-se mais á protecção sobrenatural da Providencia divina do que ao esforço humano.

E' provavel que dentro em pouco o nome de catholico seja synonymo de covarde e poltrão.

E justamente, porque se nos deixamos esmagar é porque queremos.

S. G.

A rir...

Em má hora me metti a chronista e em hora peior ainda escolhi aquella epigraphe inoffensiva, mas que obriga, até certo ponto, a dispôr de alguma graça... á custa alheia, porque cá na casa de Simplicio é coisa que não ha.

Nem graça nem alegria. Tristeza profunda, isso abunda nesta pobre mansarda solitaria de verdadeiro anachoreta, cuja vida desliza entre dolorosas recordações do passado e crueis desillusões no presente...

Houve tempo em que Simplicio, apesar de mil contrariedades e dos poucos momentos de bonança na serie de borrascosas tempestades da sua vida de engeitado da sorte, tinha um feitiço folgasão, irrequieto e alegre.

Houve até quem encontrasse *verve* nos seus escriptos, nas suas anedoctas.

Mas isso já la vai! Os desgostos, as decepções, os achaques, a velhice...

Ah! Como é triste, como é amargo, um homem ter de reconhecer que é velho!

Se os rapazes calculassem bem o abysmo de dôr, de amargura, de desalento, que nos causa esta coisa, não de sermos velhos, mas de que alguém nos diga, a frio: — você está velho! — se bem calculassem... deixavam-se morrer todos em novos!

Eu acho muito bem feito tudo o que a natureza fez... Mas, francamente, não posso conformar-me com esta coisa terrivel, que é a velhice!

Rugas, callos, joanetes, gotta, malucias sem dentes, cabellos brancos... Sobre tudo, cabellos brancos! Para que será isto de os cabellos se fazerem brancos?

Salva melhor opinião, não posso deixar de dizer que o embranquecimento dos cabellos, sobre tudo do bigode, deste ornamento que chega a imprimir caracter... que muitas vezes torna um homem celebre, v. g. o bigode do Kaizer da Alemanha; sim, não posso deixar de dizer que o embranquecimento dos cabellos é uma grande pirraça que os annos nos pregam!

Mal comparado, o bigode do homem é um ornamento como a crista do gallo...

Ora se o gallo, por mais idade que tenha, conservava a sua crista rubicunda e tentadora, porque é que o homem, o rei da natureza, não ha de conservar a sua crista, preto dizer, o seu bigode sempre preto ou louro?

Confesso, com esta sinceridade com que sempre vos fallo, que tenho um profundo desgosto cada vez que vejo no espelho os meus bigodes brancos, outr'ora negros, luzidios como a asa do corvo... Como que ouço o dobrar de sinos a finados...

Se foi para isto, para pensarmos na morte proxima, que a na-

tureza nos impingiu esta semsaboria das ruças, bem podia termos dispensado de tal desgosto, visto toparmos a cada passo com medicos e pharmaceuticos!

Mas se você, seu Simplicio, tem tamanho desgosto, dirám os meus leitores, pinte-se!

Oh!... Que horror!

Eu bem sei que ha por aí muita gente que se pinta, que se engraxa como se finta, que se engraxa como se finta, que se engraxa como se finta... e julgam enganar os outros, quando é certo que só se enganam a elles proprios.

Mas esses senhores e... essas senhoras, sam, com o devido respeito, uns porcalhões!

Francamente, quando vejo um desses *ginjas* pintado, lustroso e com laivos de tinta na pelle a denunciar a *falsificação*, dá-me vontade... Bem me custa dizê-lo, dam-me tentações de lhe cuspir na cara!

Porque esses pobres diabos sam muito ridiculos! Chegam a ser nojentos!

Desejava fallar-vos de qualquer caso de sensação, que distraisse o vosso espirito e me ajudasse a completar a tarefa espinhosa de chronista alegre.

Mas não ha, não ha nada! Escrever chronicas em terras pacatas de provincia é mais difficil do que vender pentes em casa de carecas!

A proposito de carecas, lembra-me um caso engraçado.

Quando, ha tempos, fui a Lisboa, pedi-me um amigo meu, que não tem cabellos brancos nem pretos... Podia tê-los louros ou ruivos, mas nem isso; é pellado!

Pedi-me esse amigo, que lhe comprasse na drogaria *Quintans* um elixir para os calvos, que lhe gabaram muito, e deu-me o annuncio recortado num jornal.

Logo que cheguei á capital, foi o meu primeiro cuidado procurar o elixir—tanto empenho mostrára o pobre careca.

Dirigi-me ao velho *Quintans*, homem muito amavel, que levantou para a testa os oculos fumados, em ar de interrogação.

Mostrei-lhe o annuncio e pedi uma caixa do remedio.

Tenho pena, disse elle, mas já não temos disto e nem encontra em parte alguma. Era eu o fabricante, mas tive de acabar com o fabrico...

—Então por quê? Não dava resultado?

Dava, até demais, e foi por isso que deixei de fabricar. Os operarios fizeram greve e não voltaram ao laboratorio. Não me foi possivel achar mais quem se prestasse a tal serviço. E foi pena, foi...

—Continha talvez substancias venenosas, e daí o receio dos operarios?

—Não, senhor, não era isso. E' que o remedio era de taes effeitos, que os homens e mulheres que o preparavam, no fim de oito dias appareceram com longas madeixas nas palmas das mãos!

—Mas, observei, se trabalhassem com luvas, como os electricistas, talvez...

—Fiz a experiencia, mas não houve meio. Tive de abandonar o meu invento!

—Mas como é que nas suas mãos não vejo cabellos?

—Ah! é porque eu nunca toquei na pomada... Quem inventa remedios para uso interno, não os prova; e se sam para uso externo, não lhes toca!

—De modo que a pobre humanidade...

—A humanidade que tenha juizo! Já tem, idade para isso! Olhe, eu é que, apesar de commerciante, tenho um bocado de consciencia, e não lhe vendo essa porcaria, que, o menos que produziria, eram impigens na careca do seu amigo. Entende?

E adeus, que o tempo é dinheiro!

Desceu os oculos e continuou a sua escripta, com um sorriso zombeteiro nos labios.

Apesar de não ser eu o careca, sai algo encavacado com a anedocta do *Quintans*!

Ai... a humanidade é tam fraca! Pois se até eu queria agora um bigode preto!

Que tempo, leitores, que tempo! Se Deus não se lembra de nós e não nos manda uns diasinhos de sol, estamos perdidos...

Nem passeio, nem musica; ir á missa pisando lama, recolher com os pés molhados...

Nada, isto não pode continuar assim!

Mas a quem ha de a gente reclamar contra este estado de coisas?

As auctoridades só se occupam de politica; a camara municipal, dizem, não se occupa de coisa nenhuma... De fórma que o melhor é deixar correr...

Ha annos, houve um inverno tam rigoroso como este. Durante dois meses a chuva caiu continuamente. As sementes e as batatas apodreciam debaixo da terra; o povo andava desolado.

Passou-se este caso em Trazos-Montes.

Os parochos das freguesias do concelho chamavam o povo ás igrejas para fazerem preces a Nosso Senhor.

Mas a religião por ali é pouca. Tem-se muita fé nos mandões politicos; em Deus... para quê? Ora! não é preciso!

O povo da camara era um livre-pensador, bacharel fresquinho, atheu por vaidade. Apanhou o parcho na pharmacia e fez-lhe uma grande troça a proposito de uma procissão de penitencia que elle annunciara, troça fina, troça coimbrã...

O povo soube disto e applaudiu.

No dia seguinte houve reunião da camara. Os habitantes, sem trabalho, correram ali a pedir providencias contra tamanha calamidade. A chuva continuava.

Fallaram os vereadores; expuseram alvitres varios.

Um propôs que se nomiasse uma comissão para estudar os meios de evitar as longas invernos. Este sabia de elixires politicos de prompto alivio!

Outro propôs que se reclamasse do governo promptas providencias contra a inclemencia do tempo, e, se as não desse, se queimassem as repartições publicas! Era assim que se ensinavam os governos, que só têm favores para a clericalha, que é a culpada destes e outros males, etc., etc.

Este tinha a escola do *Cacique*.

Ainda outro berrou contra as congregações religiosas, contra os padres estrangeiros, que pullulam em todo o país fazendo a sua ruina, etc. Terminou, enfurecido, gritando: Acabemos com frades e freiras, acabemos com a inquisição, apaguemos as fogueiras dos atos de fé, e verám que não teremos mais calamidades como esta!

Este era da escola do *Bombarda*.

Fallou por fim o presidente. Fez um longo discurso academico, cheio de rethorica. Fallou do diluvio universal, da origem e formação da terra, explanou a theoria de Darwin. Esfarrapou a geologia e atrapalhou-se na astronomia. Depois perorou:

Apesar de a sciencia ter caminhado, como vos demonstrei, e ser para ella relativamente facil regular phenomenos atmosfericos, por emquanto não podemos ainda fazê-lo praticamente; mas tenho fé que não vem longe o tempo em que a humanidade não esteja sujeita a humanas calamidades, graças á sciencia dos sabios e á instrucção dos povos. Quando a educação do povo fôr o que deve ser, mandaremos no sol e na chuva!

Por enquanto, já disse, a sciencia conhece as theorias, mas não dispôe dos meios praticos. Tenhamos, porem, fé no futuro, que não vem longe!

Emquanto ás reclamações, que a camara da minha presidencia desejaria attender, eu entendo que o mais prudente é... é deixar cair a chuva *emquanto Deus Nosso Senhor assim o determinar!*

Este era nephelibata e... atheu nas horas de ocio!

—Do fundo da sala elevou-se uma voz:— Mas isso é o que o nosso vigario nos tinha dito! Ora fiem-se lá nas cantigas destes mal...!

Mas se é certo que nenhum poder humano pode intervir nestes phenómenos, senão pedindo a Deus, ha coisas em que as auctoridades podem intervir beneficentemente com o fim de minorar o mal dos habitantes duma cidade como Guimarães.

Senão, vejamos:

Um triste vimaranense que nestes dias de chuva tem de percorrer essas ruas, não apanha somente a agua que lhe cai, directamente das nuvens, no costado!

Apanha tambem a que vem dos telhados, que deve ter um volume mil vezes maior do que aquella!

Ha aí ruas em que as torrentes dos beirões se cruzam á altura do nariz dos transeuntes e vam cair nas valetas oppostas. De modo que, o desgraçado que passa não encontra *espaço morto* e tem de seguir sob uma verdadeira catadupa! Não ha guarda-chuva, não ha impermeavel que resista áquillo. Fica-se literalmente encharcado em dois minutos!

Ainda hontem, o pobre Simplício julgou morrer asfiziado sob uma verdadeira catarata, na rua de Santa Maria!

Quando será que a ex.^{ma} camara se resolve a obrigar os proprietarios a captar e canalizar as aguas dos telhados dos seus predios?

Não será isto um melhoramento indispensavel e urgente?

Ou é, ou Guimarães será sempre uma aldeia sertaneja.

Simplicio.

Anecdotas históricas

CLXX

Um dito de Demóstenes.—Um dia perguntaram a Demóstenes por que meios chegara elle a fazer tamanhos progressos na eloquência. «Gastando mais azeite do que vinho» respondeu o grande orador.

E decerto não é a vida regalada, mas sim o trabalho aturado, que nem a noite poupa, quem leva ao triúmpho nas sciências e nas artes.

CLXXI

Generosidade de Cesar.—Júlio Cesar, um dos maiores homens que Roma produziu, foi um dia sobresaltado, numa jornada, pelo mau tempo. Viu-se forçado a abrigar-se na casa pequenissima dum camponês. Sabendo que no quarto que lhe preparavam e que era o único que na casa havia, estava um doente, não consentiu em que o enfermo fosse deslocado. «Se cumpre ceder os logares mais honrosos aos grandes senhores», disse o conquistador das Gallias «cumpre tambem ceder os mais cômodos aos doentes.» E passou a noite numa caverna que perto havia.

CLXXII

Sentimentos de Carlos V.—Este rei de França, sabendo que certo fidalgo da sua corte pronunciara palavras demasiadamente livres na presença do príncipe Carlos, seu filho mais velho, expulsou-o da sua convivência, e disse ás pessoas que se achavam presentes: «E' preciso inspirar aos filhos

dos príncipes o amor da virtude, para que elles excedam em boas obras aquelles a quem devem exceder em dignidades.»

Se todos os paes accommodassem á sua condição estes nobres sentimentos!...

CLXXIII

Bôa resposta.—O cavalleiro Williams Goels, governador da Virginia, estava um dia a conversar com um negociante numa das ruas de Williamsburgo. Vendo passar um preto, que o saudou, respondeu-lhe á saudação. «Como vossa excellência» diz o negociante «se abate até saudar um escravo!—Sem dúvida» respondeu o governador «muito me custaria que um escravo se mostrasse mais bem educado do que eu.»

Que lição tam necessária para tantos coraçãozinhos pequenos, que, a pretexto de suppostos agravos ou simplesmente porque não vêem a figura que fazem, se não importam de dar a cada momento uma prova de má educação!...

Litteratura

Cruz do Cemiterio

Oh cruz, pharol amigo nas procellas desta vida agitada, que sacrilega mão irreverente, te deixou mutilada?

Quem foi, que ingrato á sombra com que velas as gerações no pó, na base de granito, te deixou quebrada, triste e só?

Quem foi, que, ao despedir rude pancada, não se temeu usado, de ouvir de um pae, na extincta voz amiga, um gemer de finado?

Quem não recebeu a magestade anstera, allí vér resurgir, e, ao irado relampago do olhar, o impio confundir?

Pelos desvios da terra, pobre, errante, desgraçado, gemia leproso, em culpa, o homem prevaricado.

E tu, oh cruz, tu te ergueste, como o sol a ignea fronte; derramando ondas de luz, tu surgiste no horizonte.

O escravo sentiu cair, ás plantas o seu grilhão; o inimigo ao inimigo abraçou como á irmão.

A creança róta e só jámais não foi na orphandade; por mãe a teus pés, oh cruz, encontrou a caridade,

E a multidão hasteou-te no lar, no templo, na estrada! Contigo travou a vida, quis-te na loisa plantada.

Rediviva a humana raça, a teus pés ajoelhou; como a hera a rude tronco, a ti, oh cruz, se amparou!...

Mas não foi pela cruz redemptora, a humana piedade eternal, que caída, eu agora te encontro, meio quebrada no teu pedestal,

Com o peito mirrado de viboras, dos seus crimes o homem vencido, corre, corre na terra phrenético, do seu Deus e de ti esquecido.

E, arrastado na escura voragem, para eterno castigo esquecer, té na campa, em que dormem os seus, vein teu braço partir, offender.

Miseravel, covarde, que á fé, assim podes teus olhos cerrar! De teus paes, a gelada poeira vá teus olhos tam impios cegar!...

Mattos Ferreira.

Curiosidades

Um cão socialista.—Alguas vezes os habitantes do campo vêem-se na necessidade de habituar os cães a ladrar contra os ratoneiros. E não é difficil dar-lhes essa lição, quando della precisam: dam-se uns reaes a um

sujeito, que se finja ratoneiro, para elle bater no animal. Este, alem da antipathia natural que tem para com as pessoas suspeitas, fica lembrado dos maus tratos recebidos e por isso mais mal disposto contra tal gente.

Ora um dos partidários da maioria parlamentar de França, conhecendo este processo, usou delle para... advogar as suas ideias politicas e sociaes. Vestiu um sujeito de sobrecasaca e pôs-lhe na cabeça um chapéu fino, e ordenou-lhe que maltratasse o seu buledogue. Dali por deante o animal—referimo-nos ao cão—, lembrado do homem encasacado e encartolado, não pode encerrar nenhum que com elle se pareça; e atrai-se raivoso a quantos burgueses encontra. «Vede» exclama então o deputado, dirigindo-se aos seus eleitores «como até o meu cão é socialista!»

Noticiario

Missa de suffragio.

—Tendo passado no dia 21 do corrente o 30.º dia do fallecimento do sr. Silvestre da Cunha, sogro do sr. João Fernandes de Mello, considerado negociante nesta cidade, este sr. mandou celebrar, na basilica de S. Pedro, uma missa a que assistiu a familia e pessoas das suas relações.

Capitão Luís de Pina.

—Realiza hoje uma conferencia no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento este nosso estimado conterraneo que falará sobre a campanha dos Demobos e differentes assumptos da nossa Africa.

A conferencia principiará ás 8 horas da noite.

Despedida e agradecimento

Maria José Lopes de Oliveira e Joaquim Lopes de Oliveira vêm por este meio despedir-se das pessoas das suas relações, de quem, porventura, se não tenham despedido pessoalmente, como era seu intimo desejo, e agradecer a todas o penhorante acolhimento que lhes deram durante a sua estada nesta cidade, protestando o seu profundo reconhecimento e offerecendo, muito gostosamente, a sua casa na Figueira da Foz, onde vam fixar residencia.

AULAS E EXPLICAÇÕES

NO

Instituto Escolar

R. das Lamellas, 29, 1.º

EXPLICADORES:

P.º Fiuza, Tenente Ferreira, P.º Hermano

Mercado semanal.

—No mercado de hontem venderam-se os generos pelos seguintes preços:

Trigo	1\$040
Centeio	650
Milho alvo	820
Milhão branco	740
» amarello	700
Feijão vermelho	1\$200
» branco	1\$300
» amarello	1\$020
» rajado	960
» fradinho	900
Vinho tinto	500
Aguardente	3\$000
Azeite	7\$000
Batatas	600
Ovos, duzia	150
Gallinhas, uma	600

Fallecimentos.—Falleceu ha dias nesta cidade o rev. dr. João A. Martins Machado, tio dos snrs. dr. João Martins de Freitas, professor no lyceu e Domingos Antonio de Freitas, proprietario.

Era um sacerdote exemplar, edificando a todos pela sua piedade e pela sua caridade verdadeiramente christã, sendo por isso estimado e muito respeitado na nossa sociedade.

A sua morte foi muito sentida.

No testamento, com que falleceu, contempla as seguintes casas de caridade: 60\$000 reis para serem distribuidos em esmolas pelos pobres, recommendando, porém, que a distribuição se faça escrupulosamente, escolhendo-se pessoas realmente pobres e impossibilitadas de trabalhar por qualquer padecimento physico ou intellectual; 120\$000 reis á Conferencia de S. Vicente de Paulo, desta cidade, para socorrer os seus pobres; 160\$000 reis á Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, vulgo, do Campo da Feira, para fundos do seu Asylo e sustento dos seus asylados, com obrigação de mandar celebrar annual e perpetuamente duas missas, sendo uma por sua alma e outra pela de todos os seus parentes, consanguíneos e affins, vivos e fallecidos; 80\$000 reis ao Asylo de Santa Estephania, desta cidade, para sustento das suas asyladas; 30\$000 reis ao Circulo Catholico desta cidade; 24\$000 reis para as duas caixas do Pão dos Pobres, que se acham installadas nas egrejas de S. Francisco e S. Sebastião, sendo 12\$000 reis para cada uma dellas; 16\$000 reis aos presos da cadeia desta cidade, para repartiram entre si; 6\$000 reis para cada um dos Albergues de S. Pajo e de Santa Margarida desta cidade; 40\$000 reis á obra da catechese ás creanças, estabelecida na igreja do Seminario desta cidade; 60\$000 reis á obra da Propagação da Fé; 40\$000 reis á Obra da Santa Infancia; 70\$000 reis ao Collegio da Santissima Trindade desta cidade para a sustentação e necessidade dos meninos pobres que se destinam á vida apostolica; 30\$000 reis ao Instituto das Irmãsinhas dos Pobres da cidade do Porto; 50\$000 reis á Associação Artistica desta cidade, para as necessidades dos seus socios pobres e 40\$000 reis á «Obra da conversão dos pretos».

Os funeraes por alma do saudoso extinto realizaram-se, com numerosa assistencia, na passada quarta-feira, no templo da V. O. T. de S. Domingos.

Por disposição testamentaria o cadaver foi inhumado em campa raza.

Em avançada idade falleceu tambem nesta cidade a sr.^a D. Antonia Queiroz, viuva do finado dr. Queiroz e mãe dos snrs. capitão Arnaldo Queiroz, tenente Rodrigo Queiroz e das ex.^{mas} sr.^{as} D. Ignez, D. Maria Augusta e D. Delmina Queiroz.

Os seus funeraes realizaram-se na passada terça-feira, no templo da V. O. T. de S. Francisco.

A's familias enlutadas os nossos sentimentos.

ANNUNCIOS

Pensionato Academico

GUIMARÃES

Rua de S. Domingos

Este estabelecimento de educação e ensino admite alumnos internos, semi-internos e externos, sendo leccionados em instrução primaria e secundaria e nas disciplinas do curso commercial por professores com longa pratica de ensino. Os alumnos confiados a esta casa são matriculados no Lyceu, sendo acompanhados ás aulas por prefeitos de confiança da direcção. No Pensionato tem explicação das lições ou aulas, consoante as condições em que o alumno se matricular.

A disciplina é suave e ao alcance de todas as idades.

A alimentação é abundante, sadia e bem cuidada, como o affirmam dezenas de familias, que nos tem confiado seus filhinhos.

Os alumnos, quando doentes, são alvo de um cuidado especial.

As refeições são sempre quatro: almoço, jantar, merenda e ceia.

A annuidade é apenas de reis 100\$000.

O Director,
LUIZ GONZAGA PEREIRA.

EDUARDO MATTOS & IRMÃO

Braga

Grandes depositos de sal graúdo e miúdo, cal de todas as qualidades, gesso francês e cimento Portland, carvão para forjas, **Coke para cozinha**, carvão para machinas, anthracite, adubos chimicos, etc. Agentes exclusivos no norte do pais do carvão de Coke da Companhia do Gaz do Porto.

Completo sortido de palha triturada para animaes, enxofre em pedra e moido, sulphato de cobre, esteios de louza para ramadas, arame para as mesmas, azeites, manteigas, farellos, telha francesa, tubos de grez e muitos outros artigos.

Agente nesta cidade

Fernando Antonio d'Almeida

Rua de S. Damaso, 29—1.º andar

ATELIER DA MODA—DE OLIVEIRA RORIZ

93, Rua da Rainha, 97—GUIMARÃES

Estação de inverno. Chapéus para senhoras e creanças, segundo os ultimos figurinos de Paris. Exposição permanente. Variadissimo sortido Colletes de espartilho do Atelier portuense "A PRINCEZA,,

PREÇOS MODICOS.

Bibliotheca religiosa

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranesse — Rua de Payo Galvão — Guimarães.

Recordação dos meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accomodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

- 1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "
- 2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ezerville, accomodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

- Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "

Officio da Immaculada Conceição

Texto portuguez, com approvação ecclesiastica.

- Um folheto de 32 páginas, em bom papel:
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

As Bem-aventuranças evangelicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

- Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accomodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

- Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lyceu de Guimarães. 2.^a edição auctorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primás.

32 paginas, em 8.^o
Preço avulso 30 rs. franco de porte. Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelo correio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

— DE —

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão—Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 colleções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc. Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

- Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 30 reis
Pelo correio 35 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francés)

- Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Nem de mais nem de menos

Romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francés por Brites de Almeida.

- Um vol. de 108 páginas, em 8.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Isabel

Por Dorothea de Boden. Versão do francés por Brites de Almeida.

- Um volume de 156 páginas, em 16.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 reis

A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

- Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

O almocreve das petas

Por Spiritus Asper.

- 1.^o vol., com 128 páginas, em 8.^o:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal sem o que não serão attendidas.

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 reis. Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

- Anno 1\$300 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Numero avulso 30 "

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

- Anuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Reclamos, até 5 linhas 100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmastre.

Tradução de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administracção do Novo Mensageiro, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

A RESTAURAÇÃO

6.^o anno

SEMANARIO CATHOLICO

N.^o 269

Ex.^{mo} Sr.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de A Restauração.